

2023.2 . Ano XL . Número 46

CALÍOPE

Presença Clássica

separata 2



2023.2 . Ano XL . Número 46

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

(separata 2)

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Máscara do teatro grego. Museum of Archaeology and Anthropology, Cambridge. Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 46
Elisa Costa Brandão de Carvalho | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Ricardo de Souza
Nogueira | Vinicius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

Resenha: BEATON, Roderick. *Οι Έλληνες: Μια παγκόσμια ιστορία*. Trad. Μενέλαος Αστερίου. Αθήνα: Εκδόσεις Πατάκη, 2022, 567 p. ISBN 978-618-07-0216-3. 22.90 € (tradução de *The Greeks: a Global History*. London: Faber & Faber, 2021).¹
Alessandro Rolim de Moura

SUBMISSÃO 29.4.2024 | APROVAÇÃO 29.7.2024 | PUBLICAÇÃO 7.9.2024

DOI 10.17074/cpc.v1i46.63782

RODERICK BEATON, atualmente *chairperson* na British School at Athens, foi Koraes Professor of Modern Greek and Byzantine History, Language and Literature no King's College London, de 1988 até sua aposentadoria, em 2018. Como rápida amostragem de suas diversas publicações, citemos *An introduction to modern Greek literature* (1994) e *Byron's war: Romantic rebellion, Greek revolution* (2013). Sua mais recente obra, aqui resenhada, tem a ambiciosa proposta de contar a história dos “helenófonos” (os ελληνόφωνοι da tradução que usei) desde o Período Micênico até os dias de hoje. Mas não é apenas isso que torna o livro incomum (pelo menos fora da Grécia):² como sugere o título, Beaton escreve uma

“história global” dos gregos, no sentido de estar constantemente em busca das conexões entre cada período da história grega e o que ocorria contemporaneamente, ou ocorreria futuramente, em outras culturas. Essa visada o leva a observar não só as trocas entre a Hélade e, por exemplo, as regiões mais próximas do Mediterrâneo antigo e medieval, mas também a recepção da cultura grega de diversas épocas nos séculos subsequentes. O livro está repleto de interessantes análises do trânsito de ideias por diferentes povos. Beaton não assume uma postura helenocêntrica: não são apenas os gregos que tudo inventam, enquanto os demais apenas recebem a herança helênica. Os eventos da história grega são apresentados também como manifestações locais de processos mais amplos, às vezes de fato globais, em agudas discussões de questões geopolíticas. O resultado é um livro que, sem deixar de enxergar as contribuições dos helenófonos para a humanidade como um todo (fica patente que são muitas, coisa de que com frequência nos esquecemos), permite compreender os gregos em suas limitações e erros e reconhece o quanto foram por vezes influenciados por outros povos ou mesmo submetidos por forças externas talvez irresistíveis.

O leitor poderá perguntar por que escrevi a resenha a partir da tradução grega. Primeiro, porque foi em grego que tive inicialmente notícia da obra e, na expectativa de exercitar meu grego moderno, foi a essa versão que me dediquei. Mas não só por isso. A tradução para o grego contém um texto a mais: o prefácio à edição grega, em que Beaton se dirige a seus leitores helenófonos (p. 15-19). Na Grécia, observa ele, existem diversos livros que contam a história do “povo grego” traçando uma continuidade entre os períodos antigo, bizantino e moderno, como o de Κωνσταντίνος Παπαρρηγόπουλος, *Ιστορία του ελληνικού έθνους από των αρχαιοτάτων χρόνων μέχρι του 1930* (6. ed., 1932). Beaton assinala, no prefácio à tradução grega, que todo povo precisa de uma “história nacional” para situar-se a si mesmo no mundo. Mas também é fundamental, continua o autor, que cada povo entre em contato com a visão histórica sobre o povo em questão desenvolvida pelos estrangeiros. Assim, a bela tradução de

Μενέλαος Αστερίου é também um testemunho da abertura do ambiente intelectual grego para as visões de fora, um documento da recepção grega de estudos de helenistas estrangeiros. Estes últimos talvez tenham melhores condições de se proteger contra as tentações do nacionalismo e de seu frequente colega, o racismo, vícios que podem vir a acometer uma “história nacional”. Como ficaria a *συνέχεια* (“continuidade”) entre os períodos clássico, medieval, moderno e contemporâneo do “helenismo” (que os gregos de hoje amiúde se comprazem em assinalar), quando expressa *por um estrangeiro, mas em grego?* Usará o grego moderno as mesmas palavras antigas e bizantinas para exprimir conceitos fundamentais dessas épocas? Todas essas razões tornam a leitura de Beaton em tradução grega profundamente educativa.

Nesse sentido, é crucial sublinhar que a história de Beaton é a dos falantes de grego, os helenófonos. Não se pressupõe uma continuidade de “sangue”, alguma herança genética, ou a manutenção de uma mesma unidade territorial ou institucional ao longo dos séculos. Pudera. Depois de mais de três milênios de migrações, miscigenações e transformações políticas — desde o(s) estado(s) que existiu(ram) em torno dos palácios micênicos até a República Helênica criada no séc. XIX, passando pelas cidades-estados autônomas do Período Clássico e pelos Impérios Romano, Bizantino e Otomano, entre outras configurações, como a da Creta veneziana —, não se trata da história de um país ou de uma população homogênea. A interpretação de Beaton para um famoso passo de Isócrates (*Panegírico*, seção 50, citado na p. 170) sustenta o recorte por meio da língua e da cultura que a acompanha:

Τοσοῦτον δ' ἀπολέλοιπεν ἡ πόλις ἡμῶν περὶ τὸ φρονεῖν καὶ λέγειν τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους, ὥσθ' οἱ ταύτης μαθηταὶ τῶν ἄλλων διδάσκαλοι γεγόνασιν, καὶ τὸ τῶν Ἑλλήνων ὄνομα πεποιήκεν μηκέτι τοῦ γένους, ἀλλὰ τῆς διανοίας δοκεῖν εἶναι, καὶ μᾶλλον Ἑλληνας καλεῖσθαι τοὺς τῆς παιδείουσεως τῆς ἡμετέρας ἢ τοὺς τῆς κοινῆς φύσεως μετέχοντας.

Tanto nossa cidade ultrapassou o restante da humanidade no pensamento e no discurso, que os alunos dela se tornaram professores dos outros, e ela fez o nome dos helenos não

mais ser tido como o nome de uma nação, mas sim como o da faculdade de refletir, e que se chamassem helenos os que compartilham da nossa educação, de preferência aos que têm o mesmo nascimento.

Para Beaton, a colocação de Isócrates sobre o efeito da cultura ateniense na adoção de paradigmas gregos por outros povos sugere que desde há muito, mesmo entre os helenófonos, existe uma forma de pensar que admite outros critérios para a definição de “helenismo” além dos estreitos limites de um estado nacional (aliás, uma noção muito recente) ou (pior) de uma “raça”. Por isso, é claro, fazem parte do rol de autores gregos um Luciano de Samósata e um Konstantinos Kaváfis, nascido no Egito. As metamorfoses da identidade grega ficam evidentes com o que Beaton nos informa sobre a trajetória da antiga palavra *Έλληνες* ao longo dos séculos (ver, por exemplo, as p. 81-82 e 423-424). Ora, em Homero (*Il.* 2.684), *Έλληνες* não é sinônimo de “aqueus” e muito menos de “gregos”, mas designa um subgrupo de helenófonos habitantes da Ftia. Em Heródoto, o termo já designa todas as populações da Hélade clássica, que têm aproximadamente o mesmo idioma e a mesma religião. Mas, para os habitantes do Império Bizantino cristianizado, que se chamavam a si mesmos *Ρωμαίοι* (“romanos”), *Έλληνες* designa os seguidores da antiga religião pagã. De fato, os helenófonos modernos se conheciam como *Ρωμιοί* (que significava sobretudo ser cristão ortodoxo) aproximadamente até a passagem do séc. XVIII para o XIX, quando o movimento pela independência da Grécia do Império Otomano começa a ganhar força e a forjar uma identidade nacional para os helenófonos como “descendentes dos [antigos] gregos” (*παίδες των Ελλήνων*, expressão que ecoa um verso dos *Persas* de Ésquilo), “novos gregos” (*νεώτεροι Έλληνες*) ou, simplesmente, “gregos” (*Έλληνες*). Essa reinvenção da identidade dos helenófonos ocorre sob forte influência da Europa ocidental, que então (no contexto de movimentos como o Iluminismo e o Romantismo) louvava os antigos helenos e (muitas vezes a um só tempo) se entusiasmava com a perspectiva da criação de um estado grego independente, o que representaria, inclusive, um grande golpe para o Império

Otomano, tido ainda como considerável ameaça para a Europa. Sabemos, entretanto, que nem sempre o critério linguístico de Beaton prevalece. Um exemplo é o difícil processo da gigantesca troca de populações decidida pelo Tratado de Lausanne (1923), que determinava que todos os “gregos” deviam deixar a Turquia e se estabelecer na Grécia, devendo fazer o movimento contrário os “turcos” que moravam na República Helênica (com exceção, basicamente, dos “gregos” de Istambul e dos “turcos” da Trácia grega). O único critério para se definir quem era “grego” e quem era “turco”, naquele momento, foi a religião. Por isso, falantes de grego que haviam se convertido ao Islã permaneceram na Turquia.

O livro é muito bem redigido e tem uma estrutura narrativa cativante, possuindo muitos outros trechos esclarecedores, não só para o público leigo, mas também para o especialista em algum dos períodos envolvidos e que deseje aprender mais sobre os outros (caso de muitos classicistas que se interessam pela Grécia moderna, por exemplo). São inúmeros os episódios surpreendentes e as figuras curiosas, como a sucessão de erros que leva à catastrófica tomada de Constantinopla, em 1204, pela IV Cruzada (tratada no capítulo 10, Η περιπόθητη πόλη, “A cidade desejada”, esp. pp. 347-351), ou a personagem excepcional de Geórgios Gemistós, conhecido como Pléton (Πλήθων, numa alusão a Platão, que ele admirava), um filósofo nascido pouco antes de 1360 e que se notabilizou por suas teorias políticas, suas críticas aos privilégios dos mosteiros e sua proposta de retorno ao culto dos deuses gregos antigos (p. 373-376). É um dos raros gregos do Período Bizantino que identifica os seus iguais como Έλληνες, para a definição dos quais, aliás, utiliza não só a linhagem (γένος), mas também a língua (φωνή) e a educação que vem dos ancestrais (πάτριος παιδεία).

A obra se organiza em 15 capítulos, seguindo a história em ordem cronológica, desde os antecedentes não gregos representados pela cultura minoica (p. 28-31) até os sismos na cena político-partidária que ocasionaram, nos últimos anos, o declínio do ΠΑΣΟΚ, tradicional partido de centro-esquerda, e a ascensão do ΣΥΡΙΖΑ, inicialmente uma esquerda mais radical que depois se

aproximou mais do centro (pp. 480-481). Entre outros temas, a narrativa passa pelas extensivas mudanças dos horizontes culturais do Período Helenístico, após as conquistas de Alexandre (p. 201-237), e pelos percalços da crise de endividamento e desemprego que começa no final da primeira década do séc. XXI, crise conectada a problemas econômicos globais e que tensionou as relações da Grécia com a União Europeia (p. 478-479). Impressionam a atualização de Beaton em tantas áreas diferentes e a propriedade com que aborda cada tema, sempre registrando as permanências e transformações que ligam uma época à outra. Como é conhecido principalmente como estudioso da Grécia moderna, nota-se o especial cuidado que teve nos capítulos sobre a Antiguidade, consultando várias fontes especializadas e conduzindo as análises com equilíbrio. Disso resultam, por exemplo, páginas bem-sucedidas sobre o desenvolvimento das cidades-estados e os períodos das Guerras Médicas e da Guerra do Peloponeso (p. 91-159), bem como sobre progressiva perda de poder e autonomia das πόλεις e a dominação macedônia (p. 161-199). Evidentemente, num livro com tema tão amplo, certos assuntos recebem apenas pinceladas e pecam pela superficialidade, como no parágrafo sobre o poeta Teócrito (p. 215). Mas a visão de conjunto oferecida é coerente e persuasiva. A cada passo, emergem do contexto histórico os filósofos, cientistas, artistas e políticos que marcaram cada período, mas os processos anônimos da coletividade também recebem atenção. Um filólogo ou linguista pode vir a sentir certa falta de maior presença de citações do grego de diversas épocas e dialetos (por exemplo, trechos clássicos aparecem em geral apenas traduzidos para o grego moderno), especialmente num livro em que a língua é um critério tão importante para a definição do objeto, mas os comentários que aparecem sobre o tema, especialmente se somados ao conhecimento que se pode auferir de outras fontes (como da obra de Horrocks citado em nota), são suficientes para um retrato convincente da continuidade linguística e cultural que une as várias épocas cobertas pelo texto.

Não se pode concluir, a partir da argumentação de Beaton (nem da de Horrocks), que o grego moderno é o mesmo idioma que o grego antigo. Línguas bastante distintas e que dificilmente permitiriam compreensão mútua, especialmente nas suas variedades orais, elas revelam entre si, no entanto, uma autêntica e profunda conexão histórica, que permite que o estudioso de uma se beneficie enormemente do contato com a outra. Isso se percebe muito bem na tradução que utilizo, pois, nas entrelinhas do livro, as palavras modernas usadas para descrever um contexto antigo a todo momento nos fazem lembrar morfemas radicais e conceitos que, com as devidas transposições, nos fornecem um mapeamento de ideias relevantes para a compreensão do passado. Por exemplo, na p. 115, Beaton diz que os filósofos pré-socráticos lançaram, em grande parte, os fundamentos da ciência de hoje. A palavra para “ciência” no grego moderno, que comparece na tradução de **Αστερίου**, é **επιστήμη**, e o conceito com que a frase trabalha é obviamente o da ciência moderna, mas de imediato fazemos a conexão com o “conhecimento” ou “sabedoria” (ou mesmo “ciência”, segundo algumas traduções) designados pela palavra antiga **ἐπιστήμη** (quase idêntica à moderna), termo tão importante num texto como o *Teeteto*, de Platão. Por outro lado, mesmo no tratamento de épocas mais recentes, o grego moderno dá ao estudioso do antigo a experiência de uma linguagem densa e maleável, carregando as ressonâncias de elementos de gramática e vocabulário que foram experimentados ao longo de séculos e adaptados, expandidos ou especificados para a expressão das realidades mais diversas. Como quando Beaton fala das *comunidades* gregas espalhadas hoje por diversos países, a tradução de **Αστερίου** emprega diversas vezes o substantivo moderno **κοινότητα** (e.g., p. 449). Naturalmente, trata-se de palavra que vem do antigo substantivo **κοινότης**, “estado ou qualidade do que é comum” (entre outras acepções), relacionado ao adjetivo **κοινός**, “comum”. No grego antigo, **κοινότης** não tinha o sentido de “comunidade” com o qual empreguei a palavra portuguesa na frase acima. Comparando-nos com palavras gregas modernas desse tipo, porém, somos remetidos aos significados antigos e vemos como eles se

flexibilizam para abarcar novas ideias. É um dos interesses do estudo histórico das línguas.

Qualquer leitor que, todavia, tenha acesso apenas ao original inglês, ou a outras traduções eventualmente disponíveis, terá muito proveito com o livro. É uma obra que coloca Roderick Beaton, sem dúvida, no patamar dos mais relevantes helenistas da atualidade, consegue unir a erudição à comunicabilidade e apresenta de forma poderosa uma rara visão de conjunto da(s) cultura(s) grega(s). Refletindo sobre Isócrates e Pléton com a ajuda do olhar de Beaton, percebemos o caráter único dessa(s) cultura(s) e, simultaneamente, que dela(s) também fazemos parte. Complementam o texto 43 figuras coloridas, 15 mapas e um índice de antropônimos e topônimos, além de notas com referências bibliográficas.

REFERÊNCIAS

BEATON, R. **An Introduction to Modern Greek Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

_____. **Byron's War: Romantic Rebellion, Greek Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HORROCKS, G. **Greek: A History of the Language and its Speakers**. 2. ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010.

ΠΑΠΑΡΡΗΓΟΠΟΥΛΟΣ, Π. **Ιστορία του ελληνικού έθνους από των αρχαιοτάτων χρόνων μέχρι του 1930**. 6. ed. Αθήνα: Ελευθερουδάκης, 1932.

¹ A elaboração desta resenha se iniciou durante estágio pós-doutoral na Universidade Demócrito da Trácia, Grécia (com apoio do CNPq).

² Uma das exceções é o magistral volume de Geoffrey Horrocks, *Greek: a History of the Language and its Speakers* (2. ed., 2010), que constitui uma visão orgânica da(s) língua(s) grega(s) de todas as épocas, mostrando claramente os elementos de continuidade e ruptura, sempre com referência à história externa.